

Director
Leite de Magalhães

Editor
Joaquim Araujo

Propriedade da Empresa
de Publicidade Colonial, L.ª

Composto e Impresso
Rua do Seculo, 150

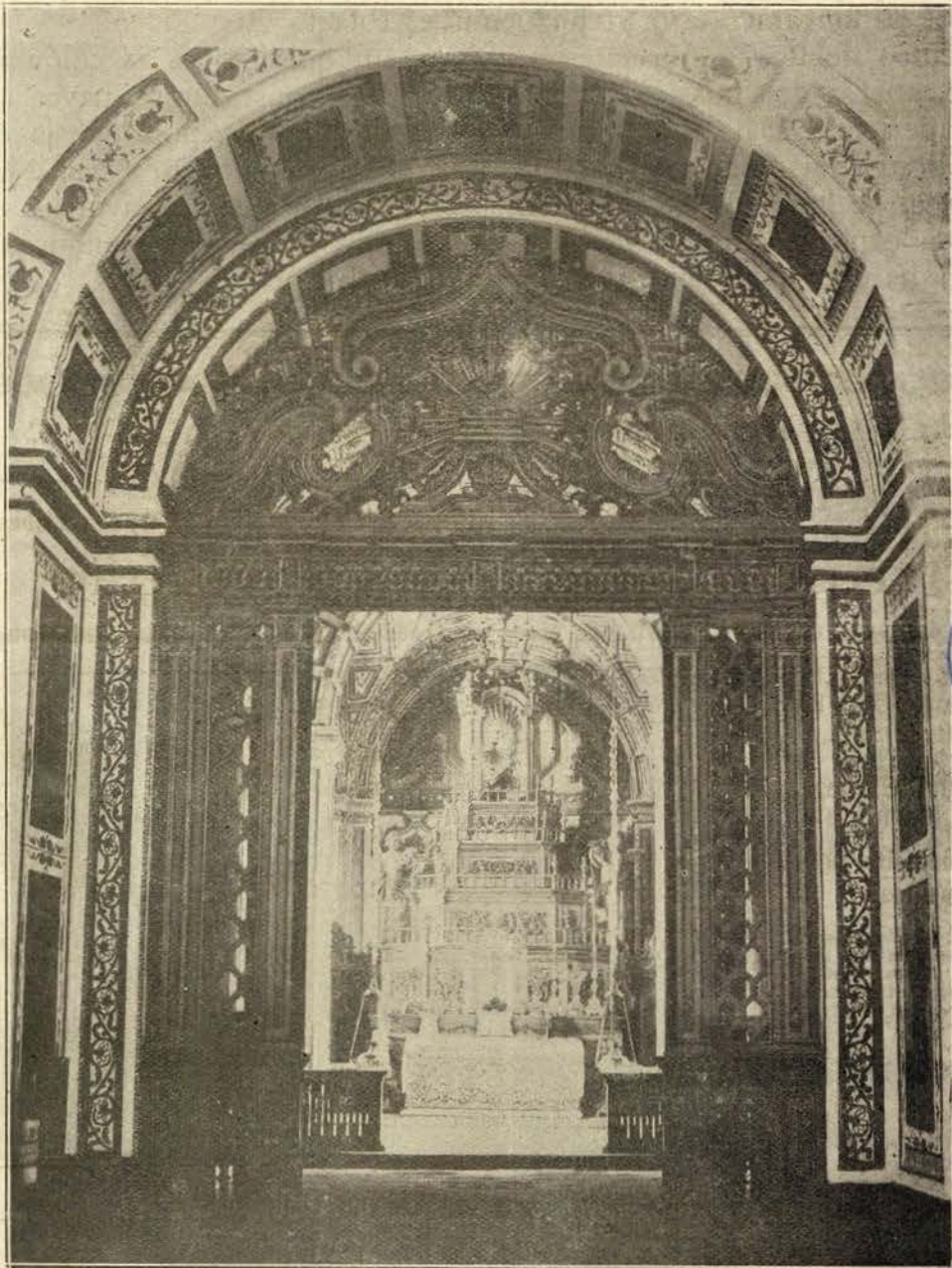
GAZETA DAS COLONIAS

Assinaturas

Série de 12 numeros
Continente e ilhas. 20\$00
Africa Ocidental. 26\$00
Africa Oriental.. 30\$00
Estrangeiro..... 50\$00

Publica-se nos dias 10 e 25
de cada mês

QUINZENÁRIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, RUA DO GREMIO LUSITANO, 40, 1.º



Aos nossos assinantes

São frequentes as reclamações que nos fazem sobre faltas de numeros expedidos pela administração. A culpa não é nossa; mas, desejosos de conservar a boa amizade dos que nos ajudam, sempre temos feito renovar a expedição quando as faltas chegam ao nosso conhecimento.

Ha, porém, outras reclamações a que não podemos, por enquanto, dar remedio: são as que respeitam á irregularidade com que a «Gazeta» se publica. Para essas, limitamo-nos a pedir desculpa.

Todavia, os nossos assinantes nenhum prejuizo sofrerão, visto que a «Gazeta» é paga por **séries de numeros**, e não por **periodos de tempo**, sendo nosso, unicâmente, o prejuizo por esse facto.

Temos debitos importantes a cobrar em quasi todas as colonias portu-guêsas e, apesar dos nossos esforços, ainda não conseguimos haver á mão o que nos pertence. Daí, os embaraços com que lutamos, pois que já demasia-damente longe foi o sacrificio de quem criou esta publicação e não é justo que mais algum se lhe exija quando somos credores de quantias avultadas.

Esta explicação devemos para que os nossos leitores e anunciantes nos absolvam na sua consciencia e continuem a dispensar-nos os seus favores.

SÁ LEITÃO & C.^A, L.^{DA}

R. DA MADALENA, 45, 1.^o

LISBOA

— Taleg.: "MONDEGO" — Lisboa —

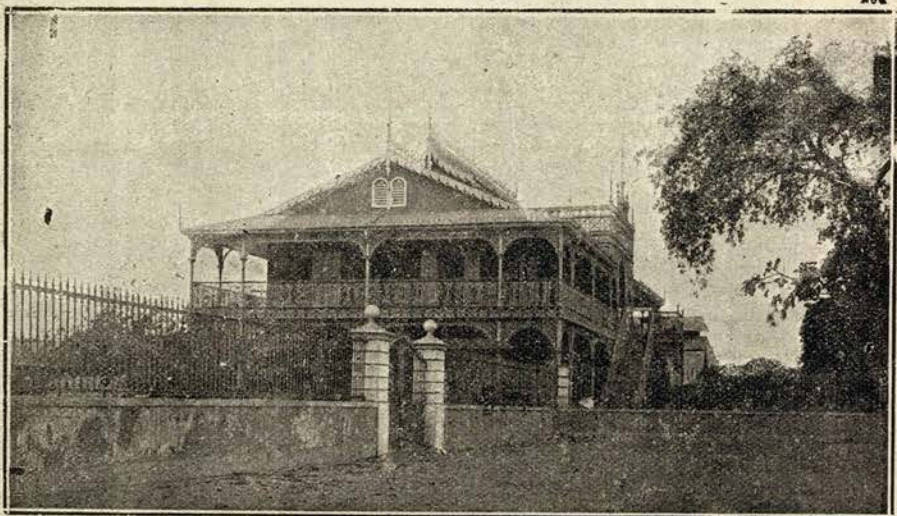
Importação e Exportação

directa das suas casas em **ÁFRICA** de todos os productos de **ANGOLA** (Africa Ocidental Portuguesa)

Café, Cacau,
Coconote, Oleo de
palma, Urzela,
Borracha, Cera de
abelha, Goma
copal, Marfim etc.

Em deposito para
fornecimentos:

Fazendas, Quinquilharias,
Géneros alimenticios, Fer-
ramentas, Vinhos, Óleos e
variadissimos artigos da in-
dustria nacional e estran-
geira



DEPENDENCIAS DE LOANDA

A Semana das Colonias

EM 10 do mês corrente, com brilho e patriotismo, comemorou a benemerita Sociedade de Geografia o 50.º aniversário da sua fundação. E os relevantes serviços que, ha meio seculo, a prestigiosa colectividade vem prestando, com firmeza e devoção, á causa da Patria, na defesa e propaganda do patrimonio colonial que nos ficou, escusado será encarecê-los: nas viagens de exploração da Africa, nas contribuições para reivindicação de direitos nas conferencias expropriadoras, na energia das atitudes tomadas contra violencias ou usurpações em mira, e, finalmente, no estudo profundo e constante dos problemas que directa ou indirectamente se prendem com a nossa administração do Ultramar — a Sociedade de Geografia passou a ser o unico coração que verdadeiramente palpita em Portugal, sustentando o amor que os nossos bens coloniais merecem, não só pelo que de inestimavel encerram as suas tradições, como tambem pelo que de valioso se contém nas suas pujantissimas riquezas.

Por coincidência, na semana em que a sua sala «Portugal» se iluminou para que uma série de conferencias precedesse o dia solene da sua festa anniversaria, andava a politica lançada na catequese dos votos, em campanha eleitoral acirradissima. A sala «Portugal» — onde se falou de Angola, de Moçambique, da India, de Timor, de politica colonial e do fomento pela engenharia moderna — ficou quasi deserta. Os salões comicieiros estiveram a abanrotar.

De toda a parte chegam ecos que nos previnem de perigos... Pois não era na Sociedade de Geografia que se encontravam os srs. candidatos a senadores e deputados da Nação, nem os srs. ministros honorarios ou em gema de ovo, nem os inumeros pretendentes a altos cargos do ultramar: — era nos centros e nos cafés, onde a politiqui-

ce urdia e discutia. Percam-se as colonias; mas, por Baco, conserve-se a gamela! — eis o principio. E foi talvez por isso que o maior dos partidos da Republica, detentor do poder desde a primeira Camara constituinte, nem mesmo julgou necessario que do novo Parlamento fizessem parte colonias de coração e de saber, preferindo a «claque» servil dos aplausos á presença, talvez incomoda, dos tecnicos.

Os resultados desta politica monstruosa estão patentes: ninguém satisfeito com a organização dos serviços coloniais na Metropole; nenhuma colonia tranqüila com a administração dos *governadores politicos* que lhes foram impostos. E o Estado, unico reu do descalabro em que tudo se afunda, limita-se a ouvir, numa indiferença de inconsciente ou de cínico, os gritos de aflicção que de toda a parte se levantam, acusando desvairadamente os que nenhuma culpa têm, e poupando-o a ele, que na mão do Senado entregou a escolha das incompetencias que no ultramar governam, e ineptamente se alheia da solução dos problemas que só a ele pertence resolver.

Querem casos? Pois aí vão e de toda a natureza: Angola, que ha dois anos se debate em crise aguda, porque que ainda se encontra sem remedio? Moçambique, onde a desvalorização da nota já atingiu 72 por cento e que ameaça interromper as suas relações comerciais com a Metropole, por quem foi levada a tal extremo? A India, com um governador rebelde ás determinações legais do Poder Central (havemos de prová-lo), para que situação é que caminha? Timor, a braços com uma administração de inconcebivel violencia e desatino, a que extremos será levada? Pomos de parte a Guiné e Cabo Verde, donde tambem já alguns protestos se fizeram ouvir, porque são de-encontradas as informações que possuímos sobre a sua legitimidade. Mas que nelas o descontentamento lavra, provocandô conflitos prejudiciais ao

hom nome do país, torna-se manifesto.

E veja-se sobre quem é que o Poder Central consente que recaiam todas as exprobações de Angola e Moçambique: -- o Banco Nacional Ultramarino. Bem sabe o governo da Metropole que não aos bancos que compete resolver o desequilíbrio da balança economica dos países onde trabalham, pois que as suas transferencias são sempre limitadas pelo montante das suas coberturas. E o Estado, que pode cobrir o *deficit* pelas transferencias em vales do correio — tal como o pratica a França — porque não o faz? Pois as colonias, onde a sua legislação protecconista ocasiona prejuizos fiscaes, são ou não bens que lhe pertencem e cuja ruina lhe compete evitar?

...Disseram-se verdades, pesadas como punhos, nas conferencias da Sociedade de Geografia — e foi talvez por isso que elas ficaram quasi desertas! Os srs. politicos bem sabem as responsabilidades que lhes cabem no tremendo descalabro. E preferem não as ouvir...

Todavia, é pelas colonias que começa o despertar. Angola toma a dianteira, aprestando-se para a batalha: são já mais de 50 os nucleos que constituem a *União dos Defensores de Angola*, em cuja acção chispa a labareda que fará recuar a horda. Vibra nela uma alma que lembra a nossa alma antiga. E o fogo, amanhã, comunicar-se-ha a Moçambique... Depois, ou tudo aquilo deixa de ser um feudo dos Directorios imbecis, ou as colonias farão por suas mãos a justiça que se está impondo contra os desmandos, salvando-se da morte.

Pois se são elas as que tudo sofrem, como não hão de revoltar-se contra tanto abandono, em que os erros algumas vezes se podem classificar crimes!

Porque não frequentarão os srs. politicos as salas nobres da Sociedade de Geografia?...

Companhia Nacional de Navegação

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mez para os portos
de Africa Ocidental e Oriental

Saídas de Lisboa em 15 de cada mez para todos os portos de Africa Ocidental

Saídas extraordinárias de Lisboa e portos do norte
da Europa para a Africa, unicamente para carga

FROTA DA COMPANHIA

PAQUETES

Nyassa.	8965 toneladas	Portugal	3998 toneladas	} Serviço de cabotagem
Angola.	8315 "	Luabo.	1385 "	
Lourenço Marques.	6355 >	Chinde.	1382 >	
Moçambique.	5771 >	Manica.	1116 >	
Africa	5491 >	Bolama.	985 >	
Pedro Comes.	5471 >	Ibo.	884 >	
Beira.	4973 >	Ambriz.	858 >	

VAPORES DE CARGA

Cubango, 8300 toneladas; S. Tomé, 6350 toneladas; Cabo Verde, 6200 toneladas
Dondo, 6000 toneladas; Congo, 5080 toneladas

REBOCADORES NO TEJO

"TEJO", "CABINDA" E "CONGO"

Todos os vapores desta Companhia teem frigoríficos, luz electrica, excellentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos srs. Passageiros viagens rápidas e cómodas.

Escritórios da Companhia:

Rua do Comercio, 85 — LISBOA

Rua da Nova Alfandega, 34 — PORTO

AGENTES: ANVERS, Eiffe & C.º, Quai van Dyck, 10 — HAMBURGO, E. Th. Lind, Alsterdam 39 Europahaus. — ROTTERDAM, H. van Krieken, P O B 662

Telefones: Administração, C. 1527 — Chefe do Expediente, C. 1000 — Informações, C. 608 — Lesouraria e Passagens, C. 2665 — Commissariado e Serviços Medicos, C. 3202 — Engenheiros (Cais da Fundação), C. 3052 — Cais da Fundação, C. 2087 — Depósito e Armazem, C. 4012.

Pela politica

As eleições

FOI o assunto dominante do mês passado e do corrente... Acima da nossa desgraçada situação internacional; dominando a gravidade dos problemas que respeitam ás nossas possessões do ultramar; superando, enfim, todas as catastrophes iminentes sobre a Patria empobrecida e desprezada, — a galopinagem teve o seu trono de gloria. Ocupou paginas inteiras das gazetas; agitou as massas; poz de prevenção as tropas; roubou a tranquillidade e o sono aos ministros do Estado; e ia fazendo baquear o Presidente da Republica.

Erão 163 os lugares em disputa na Camara dos Deputados e havia quasi um milhar de pretendentes para a sua occupação. Mexericou-se, pediu-se, subornou-se, ameaçou-se, substituíram-se autoridades, fizeram-se comícios, distribuíram-se benesses e, por fim, mais alguma coisa se fez: roubou-se.

Diz-se-lia que a salvação do país estava alli, no ventre abandalhado das urnas... E o que saiu delas? Sim, o que saiu? Figuetas que já ha muito conhecíamos e que pelo Parlamento temos visto, de gatas, desde que se fundou a Republica. Sabemos bem o que valem e, á parte dois ou três vultos de certo relevo, não é gente capaz de fazer coisa que não seja... videirar.

Entram alguns novos e — vamos lá com Deus! — entre eles ha figuras que saberão bater-se com galhardia por novos rumos na politica deste abençoado torrão, que é de nós todos, mas que tem sido apenas a «gamela» de cinco ou seis duzias de cidadãos eleitos, fartos de estomago mas tacanhos de pensar. As questões colonias ganharam dois paladinos de respeito: Tamagnini Barbosa e Filomeno da Camara. Prevenimos maus quartos de hora para os ministros de cutitiqué que, frequentemente, são ameçados na respectiva pasta. E, do lado da maioria, também contamos que se torne proficua a acção de Abreu Lima, que foi em Angola o mais nobre e mais leal amigo do general sr. Norton de Matos.

Haverá mais nomes que mereçam es-

pecial destaque? Decerto ha e até dos maiores que a Republica apresenta com orgulho: Antonio José de Almeida e Bernardino Machado. Mas também, se deram perdas, que não se pedem ver sem magua: Brito Camacho e Vicente Ferreira.

Enfim... o novo Parlamento da Republica está eleito. Não pode ser peor a situação que tem a defrontar. Dentro do país — o caos; fora do país — o descredito. Espectaculo geral — a ruína.

...Têm a palavra os srs. Deputados da Nação.

Por Angola...

Da «Patria», jornal de Louanda, reportamos o seguinte «eco» do seu numero de 27 de Outubro ultimo:

«Em artigo de fundo sobre eleições, o nosso colega local o Comercio de Angola, que, aliás, vem fazendo uma loucavel campanha contra o indiferentismo e abstencionismo eleitoral, sem o apresentar como seu candidato, diz: apocitamos, para elucidação dos sinceros, dos bem intencionados, que devem ir votar um nome, o do illustre colonial e insigne jornalista sr. major Antonio Leite de Magalhães. E' para este nome que se devem voltar as atenções dos eleitores, sem hesitações. O curso de colonial tirou-o nas colonias, e não no Terreiro do Paço, como tantos que assim fazem e que se dão ares de muito entendidos na materia.

Não lhe contestamos o que aí fica e o mais que diz. Simplesmente... Simplesmente, com um quadro tão lindo, que nós também empareceiravamos com o colega, o sr. major Leite de Magalhães, horrou, por fim, a pintura. Hoje está com a Companhia do Fomento Geral de Angola, solicita mamã das Companhias do Petroleo e dos Diamantes de Angola. E como com teu amo não jogaes as péras...

Percebe, não é verdade, colega?

E lá se foi um lindo nome para apresentar aos eleitores de Angola!

Pouca sorte! — como no monologo.

O artigo, a que o «suelista» se refere, será por nós transcrito oportunamente. Não o faremos por vaidade, muito embora os seus termos sejam de envaldecer. Mas é que deparamos nele razões fortes para nos sentirmos orgulhosos da nossa vida. E o *Comercio de Angola*, ao estender-nos a sua mão carinhosa, mostrou-nos bem que em alguma coisa nos tornamos dignos da sua tão honrosa consideração.

Quanto ao «suelista», uma explicação apenas:

O Fomento Geral de Angola é uma companhia portuguesa genuinissima, onde se serve com dignidade, em trabalho honrado e honrosissimo. São portugueses de gema aqueles que a dirigem e são nomes que as colonias bem conhecem aqueles que nela trabalham.

Para Angola, já o Fomento levou os 5.400 contos do seu capital, mais os 9.000 contos da Companhia Agricolo-Pecuaria de Angola, os 1.000 contos da Companhia de Pescarias de Angola e os 1.650 contos do Sindicato para o Estado dos Tabacos. Soma tudo — 17.050 contos, que, graças á sua actividade, estão correndo nas veas da provincia.

Digam-nos os detractores do «Fomento» quais são os serviços que a provincia lhes deve?

Na organização de outras empresas trabalha ainda. E aqueles que julgam que não é capital português o que mais se tem procurado interessar nos seus empreendimentos iludem-se. Os que o afirmam — mentem!

Fogerang não é mãe, nem mesmo irmã, das Companhias do Petroleo e dos Diamantes. Estas são filhas da Companhia de Pesquisas Mineiras; e Fogerang só tem afinidades com elas... pelo berço.

Mas que o fosse? Aqui queremos dizer bem alto que só são merecedoras da nossa consideração as actividades que em Angola se empregam para transformar em valor o seu solo fecundissimo.

«Estrangeiras? Que importa! Digam-nos onde estão os capitais portugueses que, como elas, se aventurem nas explorações de resultado incerto, em que

o ouro se gasta ás cegas e... aos montões?

Quando a Companhia de Pesquisas Mineiras percorria o territorio imenso, semeando libras, em busca dos jazigos preciosos, quem era que com ela competia? E a Companhia do Petroleo, que já elevou o seu capital a mais de 5.000 contos-ouro para continuar apenas a furar a terra ingrata e caprichosa em cata de uma riqueza simplesmente palpitada, porque não teve ninguem que, antes dela, a tal se abalançasse?

Ambas são empresas cujo capital não é de origem ignorada e antes se sabe que pertence a entidades financeiras de nações amigas e aliadas. Que crime será, então, servi-las ou acari-nhá-las?

Capital misterioso é um outro que por aí anda a tomar de assalto riquezas que são das maiores que Angola guarda: veja-se o cobre do Bembe, os palmares da Quissama e os cafezais do Amboim, para que mãos estão sendo levados. E porque será que nenhum grito a Colonia solta contra esta vaga de ouro, oriunda ninguem sabe de onde, que assim vai fazendo presa do que ela tem de mais precioso?

...A «Patria» julga-nos imerecedores dos votos da Colonia porque ganhamos limpamente a nossa vida em casa que não merece a sua simpatia, mas onde nós sentimos que o patriotismo vive na sua maior pureza.

Pois fique descansada a «Patria»: a nossa candidatura não será por nós apresentada. Se os amigos que por lá temos continuarem a depositar em nós a confiança a que temos jus pelo nosso passado — sem baixezas nem servilismos de lacaios — no art. 9, da lei n.º 314, de 1 de Junho de 1915, encontram a maneira de levar á urna o nosso humilde nome.

Já estamos velhos para trepar na escadaria da politica, acalentando ambições. No Parlamento, se lá fossemos, serviríamos Angola e... nada mais. Mas é possível, sim, é possível que não sejamos a pessoa conveniente para ali se defenderem... certos interesses.

E, então, também não ficaremos nada mal... em nossa casa.

6 desvairo...

Já não é só em Portugal que a razão anda transviada... E' ler-se o que por vezes se escreve na imprensa das nossas Colonias para que imediatamente se constate que um mau nervosismo se apossou da Raça empobrecida, parecendo enlouquecê-la.

E' um povo que sofre — bem o sabemos. E o sofrimento perturba... Mas já não são apenas as victimas que deliraram: são também aqueles que tinham por obrigação não perder a calma e que, no meio da onda doida, deveriam

ser os primeiros a aguentar-lhe o impeto, procurando docemente quebrar-lhe os arrebatamentos.

Aqui temos, de frente para nós, um exemplo estranho, deparado no *Comercio de Angola*, de 11 de Setembro ultimo. E' um excerto da conferencia que o sr. governador do distrito do Zaire realizou no *Gremio de Estudos*, por ele criado, e que representa um ataque rude ás companhias que estão empregando os seus capitais na área da sua jurisdicção — sendo uma delas, logo a seguir e como consequencia das suas imprudentes palavras, atacada com violencia noutros jornais, que não tinham ao seu dispor, para lhe fazerem melhor justiça, os elementos que o sr. governador do Zaire possuía em suas mãos.

Ora leia-se, primeiramente, o que nessa conferencia se afirmou:

«As grandes companhias formam-se geralmente com intuitos apenas de especulação.»

São proveitosas aos seus Directores, a alguns empregados em Africa, mas os accionistas — esses raras vezes veem dividendo e os lucros adveem-lhes possivelmente do jogo de bolsa, vendendo na alta e comprando na baixa.»

Servidas geralmente por influencias politicas dos seus Directores, administradas de Lisboa por altos politicos ou poderosos financeiros, a sua vida em Africa é precaria e contingente, e são mais elementos de atraso e quicá de ruina economica do que de progresso e fomento colonial, como apregoam.»

Dizia-se no tempo da propaganda republicana que a protecção pelos governos da monarchia a algumas companhias com interesses em Africa era imoral e insustentavel.»

Os governos de então, pela nefasta influencia politica dos homens publicos que acumulavam os mais altos cargos do Estado com as mais rendosas situações a dentro dessas Companhias, facilitavam pernicioso e illusoria prosperidade a tais organismos.»

Não quero dizer aqui, se a situação se mantém — se se modificou para melhor ou peor. Não me consente o programa do nosso Gremio, nem a situação oficial que occupo.»

Mas o que ninguem pode impedir-me de dizer, aqui e em todo o lugar, — hoje e em todos os tempos — emquanto o amor do meu paiz sobrelevar a todo e qualquer outro sentimento, ou respeito de convencionalismos hipocritas — emquanto a consciencia do dever me ditar a verdade reidentora e salvadora — mas de o afirmar bem alto e com o mais profundo desprezo pelos silencias diplomaticos que encobrem deficiencia de ideias ou ausencia de coragem moral...»

E' que essas Companhias continuam

a disfrutar de tremendas influencias, que hão de causar a nossa ruina financeira, economica e moral!

Ha fenomenos que o meu simplismo e rudeza de colonial e patriota não conseguiram ainda explicar.

Concedem-se dezenas de milhares de hectares em regiões onde antecipadamente se sabe que não ha mão de obra suficiente para a sua exploração agricola.

Sabe-se concretamente que o trabalho produzido pelo indigena é de fraquissimo rendimento e custa rios de dinheiro.

Esses enormes tratos de terreno são retirados á agricultura e produção indigenas.

Mantem-se uma legislação anacronica e intencionalmente feita, para deixar largas portas abertas aos poderosos, e subtils armadilhas preparadas aos fracos, como a da concessão de terrenos e suas disposições sobre prova de aproveitamento dos ditos terrenos.»

Permite-se que, á sombra dessas subtilidades da lei, as grandes companhias continuem detentoras de terrenos que não exploram — de riquezas que não criaram e que reservam apenas para grandes especulações.»

Admite-se que, por força destas circunstancias, fique eternamente paralizada toda a iniciativa particular; — que o comercio se atrofie por falta de produtos colhidos pelo indigena; — que finalmente seja impossivel o desenvolvimento da agricultura indigena.»

Deixam-se acumular erros sobre erros desta natureza, em prejuizo do progresso e até talvez da autonomia e soberania portuguesa.»

E de quem é a culpa?

Como evitá-lo?

A mim, só cabe denunciar o mal e não curá-lo, porque o cancro meus senhores, tem tão fundas raizes, afecta órgãos tão importantes do doente, que só uma operação de alta cirurgia poderá extirpá-lo. — E permitam-me os sabios a irreverencia — não sei se o doente escaparia com vida...»

Concedidos colossais tratos de terrenos a poderosos organismos financeiros, que os não querem explorar, com regalias que dia a dia vão aumentando insensivelmente, por mercê das habilidades dos seus agentes e ignorancia ou menos escrupulos de quem lhas concede, torna-se manifesta a impossibilidade de se considerar sequer o progresso economico da região.»

A pretexto de projectadas e fantasiosas explorações futuras, vão açambarcando terrenos, diminuindo as possibilidades de desenvolvimento da agricultura indigena, e, ciosas detentoras da riqueza que encontraram feita, restringem, a pouco e pouco, para não causar escandalo nem incomodas rea-

ções, a exploração desses produtos naturais, entrando assim o desenvolvimento comercial.»

E' uma autoridade de Angola que assim fala!... E não seria possível que uma autoridade qualquer falasse daquela maneira senão... numa colónia portuguesa.

Em alta consideração tínhamos nós os merecimentos do sr. Aragão e Melo. Sentiamo-nos mesmo honrados com a sua estima. Mas, se fossemos nós que tivéssemos poder sobre o seu destino quando assumiu aquela atitude, nem mais um dia estaria á frente do seu governo: a função de um governador não é depreciar nem deprimir — é captivar; não é criticar nem destruir — é animar; e não é, sobretudo, envolver em suspeitas afrontosas superiores seus ou seus administrados, como se fosse lama a honra alheia em que os seus dedos tocam irreverentemente.

São duas as grandes companhias que trabalham no seu distrito: — a Companhia de Cabinda e o Fomento Geral de Angola. A primeira tem já uma obra realizada e não foi, certamente, a essa que o sr. governador dirigiu os seus remoques. Foi á segunda...

Ora, na segunda, trabalha presentemente o director desta «Gazeta». E, nessa qualidade, sabendo bem e que afirma, garante que o sr. Aragão e Melo *faltou conscientemente á verdade*. E' grave isto? Sem duvida, é gravíssimo. Mas provar-se-ha quando e onde fór necessario.

O Fomento Geral de Angola não é uma companhia de exploração directa: é uma *holding-company*, empenhada no estudo das possibilidades agricolas de Angola, a fim de constituir — como já constituiu — empresas que as explorassem. E o sr. governador do Zaire sabe-o bem!

A que veio, portanto, a recriminação de *nada explorar*?

Mas ha mais: foi ali mesmo, ás portas de sua casa, que o Fomento Geral de Angola efectuou os seus importantíssimos estudos sobre a cultura do tabaco para capa (tipo Sumatra) e organizou viveiros e plantações de palmeiras como nunca em Angola se tinham efectuado.

E o sr. governador algumas vezes manifestou, em documentos que se guardam, o seu *muito apreço pelos trabalhos realizados*, em que foram gastos mais de 2.000 contos. E quando, após diligencias custosas e sucessivas, Fogerang estivera prestes a constituir as respectivas empresas exploradoras, succederam anomalias que temporariamente inutilizaram a sua acção, mas que não a fizeram succumbir. Os seus esforços continuaram e persistem, para que á provincia acorra o capital de

que precisa para a valorização do seu fértil territorio.

...E é este o pagamento que lhe dão! Mas o sr. governador do Zaire nem coerente foi nas suas considerações: senão, repare-se naquela afirmativa de que as concessões se fazem *em regiões onde antecipadamente se sabe que não ha mão de obra suficiente para a sua exploração agricola*, para, logo a seguir, nos declarar que... *esses enormes tratos de terreno são retirados á agricultura e produção indigenas!* E' bico ou cabeça? Então ha ou não *indigenas* para a respectiva exploração?

Não se percebe. Ou, por outra, percebe-se... *demasiadamente*.

Sabemos bem que certas almas de lodo hão de querer descobrir no lodo a justificação da attitude que tomamos para com o sr. Aragão e Melo. Mas temos uma vida inteira a responder pelo feito moral que Deus nos deu: *vasculhem!*... Em nós só fala a nossa consciencia; e, essa, estará sempre, nas questões coloniais, ao lado dos que trabalham criando a riqueza, contra os que, por maldade ou desatino, pretendam contrariá-los.

Teremos de voltar ao assunto?

...Oxalá que não.

Registando...

O sr. Paulo Osorio, em carta de Paris para o *Diario de Noticias*, manda-nos dizer o seguinte:

«Todos os anos ha quem proponha em Genebra a extensão do regime dos mandatos a todos os dominios de todas as nações coloniais. E' uma tese socialista que faz progressos e que a Alemanha, futuro membro permanente do Conselho, verá evidentemente com uma incomensuravel simpatia.

Se um dia essa tese triunfar, a França receberá o mandato de administrar em nome da Sociedade das Nações as actuais colonias francesas, a Inglaterra receberá o mandato de administrar em nome da Sociedade das Nações as actuais colonias inglesas, a Holanda receberá o mandato de administrar em nome da Sociedade das Nações as actuais colonias holandesas, a Alemanha receberá o mandato de administrar em nome da Sociedade das Nações pelo menos uma parte das antigas colonias alemãs...

Nesse caso, dir-me-hão, Portugal seguirá o comum destino e receberá o mandato de administrar, em nome da Sociedade das Nações, as actuais colonias portuguesas. E eu responderei: não! Porque o artigo 22.º diz que os mandatos serão conferidos ás nações desenvolvidas que, graças aos seus recursos, á sua experiencia e á sua posição geografica melhor possam assumir essa responsabilidade» e o Conselho, unanimemente, estará disposto a conceder-nos a excelencia da posição geo-

grafica e mesmo a experiencia, mas porá em duvida a suficiencia dos nossos recursos materiais. Nós somos um país pobre; os mandatos são para os ricos. E então...»

Então... mostrar-se-ha, com documentos, que a nossa pobreza é, apenas — aparente.

Para isso, bastará uma simples fotografia do sr. Antonio Maria da Silva, cofiando a péra e entreabrindo os labios no melhor dos seus sorrisos, emparelhando com uma outra em que o sr. José Domingues dos Santos, de lapela adornada com o cravo sangrento da sua predilecção, também sorr'a... satisfatoriamente.

...Assim se verá que nenhum rraaj nos afflige e que tudo isto vai — num sino.

O caminho de Ferro de Benguela

Mons parturiens... Foi custosa a paridura, e, por mais que miremos, não deparamos senão um ratito, com deformações monstruosas. Não temos querido tocar no assunto, para que não se dissesse que algum interesse nos movia. Mas, francamente, aquela exigencia do governo se reservar o direito de interferir no traçado da linha atravez do territorio do Moxico quando por ali tiver de passar, é de tal forma violenta... e absurda, que não podemos guardar sobre ella o nosso silencio.

E' preciso não se fazer ideia alguma do que é o territorio do Moxico, cortado de linhas de agua e de terrenos alagadiços durante alguns meses do ano, para se lançar uma ta: clausula, que pode ser a condenação á ruina da companhia.

E, francamente, se o interesse da companhia em concluir a sua obra é, realmente, grande, talvez não seja menor o nosso em que ella se conclua.

...Ou estará alguém convencido do contrario?

Aguardemos a conclusão das negociações entabuladas para depois falarmos com plena segurança.

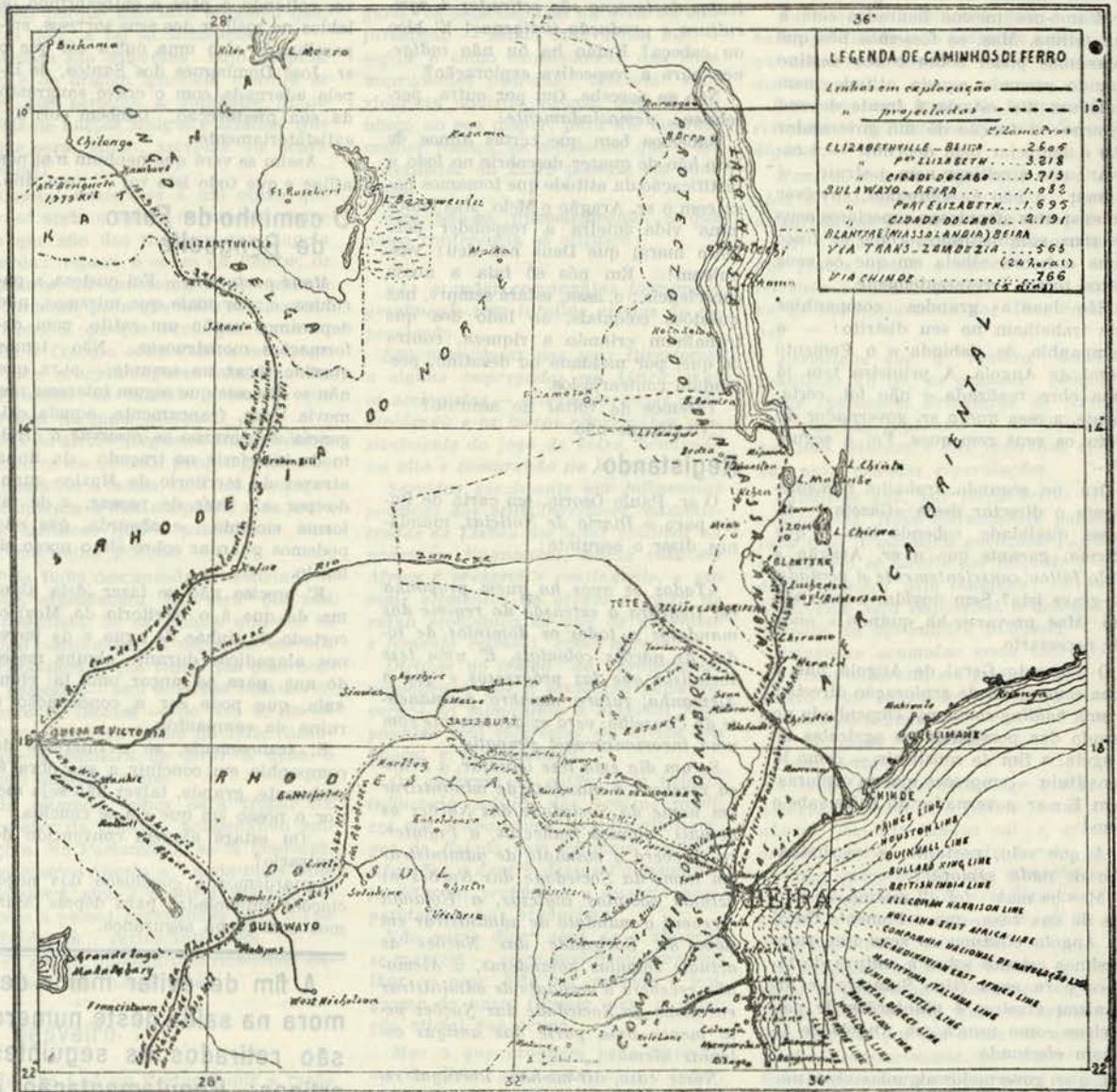
A fim de evitar maior demora na saída deste numero são retirados os seguintes artigos: Regulamentação e Fomento da Industria da Pesca em Mossamedes, Carta de S. Tomé e Estrangeiro, que serão publicados no proximo numero.

Pedimos desculpa aos nossos assinantes e leitores.

Companhia de Moçambique

Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territorios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalândia e vale do Zambeze



Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental

Guiné

A GUINÉ PORTUGUESA

Foi Nuno Tristão que, em 1446, prossequindo nas suas viagens de descoberta em descoberta, encontrou a parte da costa africana, que actualmente constitue a Guiné Portuguesa, com a sua área de 36.126 quilometros quadrados de terrenos de disposição quasi horizontal, equivalente a duas vezes e meia menos que a area de Portugal continental. O seu territorio está circundado (lemos num estudo de Ernesto de Vasconcelos) pelas Colonias francezas de Costa Occidental de Africa e fica compreendido entre as bacias hidrograficas do Casamansa e do Compony, tendo por pontos extremos ao norte o Cabo Roxo e ao sul a pontã Cajet, junto das Ilhas Tristão.

O paralelo de 12.º40 de latitude Norte, serve no interior de fronteira com a Africa Occidental Francesa, que é a colonia visinha pelo lado septentrional, emquanto que pelo sul fica a Guiné Francesa.

Desde a data da descoberta, até 1581, nada ha de preciso sobre a existencia das primeiras feitorias portuguesas, entre o actual rio de Cacheu e o rio Grande de Guinála. O que no entanto se sabe ao certo, é que um pouco antes do citado ano de 1581, já no rio S. Domingos se haviam instalado duas feitorias; no rio Geba tambem já se encontravam portugueses estabelecidos e ainda no rio Grande mais duas feitorias, atestavam o predomínio portuguez.

Em 1603 vemos alguns missionarios capuchinhos iniciarem as conversões entre gentios de Bissau, e quatro anos mais além, em 1607, cedia o regulo da Guinala aos portuguezes a Ilha de Bolama, para que nela se estabelecessem e defendessem os seus territorios contra as veleidades invasoras dos Bijagos.

Chegamos a 1640. E' o ano em que as feitorias do rio Grande são abandonadas, recolhendo os feitores a metrôpole. Quanto aos restantes moradores vamos encontrá-los mais tarde na povoação de Farim, acabada de fundar no curso superior do rio S. Domingos.

Meio seculo depois, em 1690, é fundada a «Companhia de Cacheu e de Cabo Verde», tendo como objectivo principal o trafico da escravatura.

Tres anos antes havia, por parte dos francezes, a tentativa da fundação de um forte em Bissau, e em 1700

vemo-los voltar á carga, não sendo bem succedidos nos seus designios. Mas já foram mais felizes em 1828, podendo então apostar-se do Ilheu dos Mosquitos, á entrada de Casamansa, fundando ali a feitoria do Carabane. O único protesto que o Governo Central poude contrapôr a esta pertinacia do nosso visinho francès, foi o estabelecimento de um presidio em 1831, na ponta de Bolór.

A nossa expansão territorial, assinala-se em principios do seculo XIX, pela posse da Ilha das Galinhas em 1829; pela occupação dos territorios de Ganjarra e Fã, cedidos pelo regulo de Badora em 1843; pela fundação de um presidio em S. Belchior em 1848 e, finalmente de Bolama em 1870.

A convenção de 12 de Maio de 1886, que fizemos com a França, de finia, teoricamente, os limites da nossa esfera por influencia na Guiné. A essa convenção não podemos chamar abençoada. Foi ela que entregou o nosso antigo presidio de Zinguichor ás mãos espertas dos francezes.

A Guiné, com a quermesse bizarra e multicolorida das suas onze raças, e diversas sub-raças, formando um bloco notavel de aproximadamente oitocentos mil habitantes; com a maravilha pessoalissima da sua fauna, com a sua ornitologia opulenta e variada, em que as côres das aves, dir-se-hiam fugidas de uma paleta de pintor impressionista, pela diversidade ofuscante dos tons; com a abundancia da sua herpetologia; com a variedade dos seus specimens entomologicos; com a riqueza da sua concheologia; a Guiné, com a sua flora variegada até ao impossivel; com o sensivel incremento que está sendo dado á sua agricultura, transformando em fontes de riqueza o que era até ha bem pouco uma desoladora extensão de solo inaproveitado; com a laboriosidade do seu comercio, quasi todo nacional e já possuidor do mais largo campo aonde fecundar as suas intrinsecas energias, dando disto uma prova irrefutavel o facto da importação em 1923 representar 35.077 contos e a exportação 29.718 contos; com a radiosa promessa que é já a sua industria mais que embrionaria! a Guiné, com os seus centenares de quilometros e suas dezenas de estradas;

com a navegabilidade dos seus multiplos rios e braços de mar, dum emaranhamento caprichoso; esta Guiné que um esforço sobrehumano de mais de cem combates, digno de ser cantado por Homero, conseguiu alfirm, transformar numa quasi interminada planicie, que os automoveis cortam e recortam em tranquilos passeios de *touriste*, depois da pacificação formal de 1915, a que o ex-governador Oliveira Duque ligou para sempre o seu nome; esta Guiné tem bem o direito de ser enfileirada entre as primeiras das nossas possessões colonias, bem merece que a lavemos da *supersticiosa injuria* de ser uma produtora de morte, para gritarmos bem alto que muito pelo contrario, ela tem que ser considerada como uma produtora magnifica de vida — a vida intensa das suas riquezas naturaes, a vida, mais formidavel ainda, das suas possibilidades agricolas!

Querendo formular uma síntese do que seja esta provincia, devemos dividir em três fases a sua evolução.

Na primeira, e a mais duradoura, abrangendo um espaço de quatro séculos, cabe naturalmente a pacificação definitiva de 1915;

A segunda, consequencia da primeira, é constituida pelas vias de comunicação intra-provincial, ultimas já; Na terceira terá o papel unico, a agricultura.

Com o desenvolvimento e progresso desta, chegará a Guiné, segundo as vibrantes palavras do actual Governador Vellez Caroco, no *Relatório* que fez dos anos de 1921 1922, «ao periodo aureo da sua valorisação colonial».

Mas não esqueçamos esta *amarga* verdade, que o ex-governador interior da colônia, Correia Lança, fixou, com uma bela independencia, no seu relatório de Dezembro de 1889:

«Portugal, a Nação de uma sinceridade politica nunca desmentida, de uma honradez inconcussa na observancia dos seus contractos e convenções, tem a signa de ser visinha de nações poderosas, ávidas de vastos dominios colonias, e que por todas as formas e meios tentam amesquinhar-lhe a importancia, que é grande, o prestigio, que é imenso, a impossibilidade de lhe absorverem os seus velhos dominios.»

(Do «Anuario da Guiné».)

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLÓNIAS

Séde — LISBOA — Rua do Comercio

Agencia — LISBOA — Cais do Sodré

Capital social: Esc. 48.000:00\$000

Capital realizado: Esc. 24.000:000\$00

Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes, Vizeu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLÓNIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshass (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa) **CHINA** — Macau **TIMOR** — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manáus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. — Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes paises estrangeiros

COMPANHIA DE PETROLEO DE ANGOLA

(ANGOLA)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de Esc. 4.675.365\$00 (ouro)

Pesquisas e exploração de petroleo na Provincia de Angola, por concessão do respectivo Governo

Séde social em LISBOA: RUA DOS FANQUEIROS, 12-2.º Telegramas: ANGOIL

Comité técnico em Nova York -- Escritorio em Bruxelas

Presidente do Conselho de Administração

Administrador-delegado

Banco Nacional Ultramarino

Ernesto de Vilhena

Direcção técnica: "Sinclair Consolidated Oil Corporation"

45, Nassau Street, New-York

REPRESENTAÇÃO E DIRECÇÃO TÉCNICA EM AFRICA

Representante

Director técnico

Coronel Eduardo Marques

O administrador Mr. CHESTER NARAMORE

Caixa Postal 332 Teleg.: ANGOIL

Caixa Postal 315 Teleg.: SINGOLA

LOANDA

LOANDA



Angola

A Invasão Alemã em Angola

Muito se tem escrito sobre este assunto realmente grave e que merece ter tratado com especial cuidado.

Não nos assusta, porém, nenhum dos aspectos porque a questão tem sido apresentada, isto é a invasão de capitães ou a entrada em Angola de grandes massas de súditos alemães.

Estas imigrações de capitães e de homens só vantagem nos podem trazer, desde que sejam policiadas. A extensíssima área de Angola precisa de muito dinheiro e de muito braço para se valorizar. Foi assim que se desenvolveram o Brasil, o Rande e a Austrália. Continue-se fazendo Política Nacional em Africa, que essas invasões não serão perigosas.

Mas ha um outro aspecto do problema, que não tem sido apreciado, e esse é que tem enorme gravidade, porque nos vae conduzindo para um caminho bem sério: é a invasão do commercio alemão. Para este problema não basta a obra de nacionalização dos governos, nem os tropos mais ou menos inflamados do patriotismo. E precisa uma conjugação de esforços de todos os portugueses, mormente da industria e commercio exportador da metrópole.

As estatísticas aduaneiras mostram dum forma irresponsível a gravidade do assunto. Só conhecemos estatísticas aduaneiras de Angola até 1922. Julgamos que as posteriores a 1922 não estão publicadas; mas cremos bem que o problema se terá agravado de ano para ano.

Um simples quadro mostrará bem o que afirmamos:

Destes numeros resultam os seguintes percentagens:

a) Percentagem do commercio alemão em relação ao total do commercio estrangeiro:

1919	0 %
1920	9,11 %
1921	22,56 %
1922	59,42 %

Esta proporção não nos deve occupar directamente; interessa mais aos mercados estrangeiros que a nós proprios.

b) Percentagem do commercio alemão relativamente ao total do commercio (nacional e estrangeiro):

1919	0 %
1920	2,62 %
1921	8,92 %
1922	16,65 %

c) Percentagem do commercio alemão em relação ao commercio português:

1919	0 %
1920	4 %
1921	17,37 %
1922	30,11 %

Quere dizer: o commercio português está sendo batido em Angola pelo commercio alemão.

E vae desenvolvendo-se de tal forma que representa, em 1922, mais de 50% de total das importações estrangeiras ali.

A mercadoria ingleza, então, é completamente batida. Em 1922, com o ágio do ouro seguramente duplo de 1921, o valôr das mercadorias inglesas é de 7400 contos, quando em 1920 fôra 7800 de contos.

Nos valores, que indico, não entram os da importação do Estado, que, pela sua natureza, não constituem valores commerciaes.

Em 1922, o valor do commercio alemão na colonia era duplo do valor do commercio inglez; quasi triplo do commercio dos Estados Unidos,—donde val para Angola o petróleo, a gasolina e muito material automovel,—e do da Belgica, que foi consideravel pelas importações feitas pela Companhia dos Diamantes de maquinismos e fazendas; e é 6 vezes superior ao commercio reunido da França, Cabo, Congo Belga e Brasil.

Decerto estes numeros se terão agravado de 1922 para cá; e, então, pode já chegar-se á conclusão de que o commercio alemão ficará sendo... todo o commercio estrangeiro na Provincia de Angola.

Na brilhante conferência que na *Semana Colonial* da Sociedade de Geografia proferiu, há bem poucos dias, o sr. Major Ultra Machado sobre «alguns aspectos do problema colonial», mostrou S. Ex.^a a necessidade de se tocar o sino grande, isto é, de fazer com que o povo português se interesse pelo nosso dominio colonial, e que dê, assim, a necessaria força e apoio aos governos para se entrar de vez numa clara e seguida politica colonial, que faça afastar os perigos, as ameaças e, sobretudo, as cobiças sobre o nosso dominio colonial.

Oxalá estas ligeiras considerações representem algumas badaladas nesse «sino grande» e que algum éco elas produzam.

Disse que o commercio alemão está batendo o commercio português e vou apresentar alguns casos que bem dignos de estudo se me afiguram.

Correndo a estatística de 1922, vemos que, em 3 anos (em 1919 foi nula a importação alemã), quasi não houve um único artigo da pauta em

IMPORTAÇÃO EM ANGOLA

VALORES:

Anos	De Portugal e suas colonias	Do estrangeiro, menos a Alemanha	Importação alemã	Valores totais
1919	7.432.767\$10	3.229.445\$00	—\$—	10.666.212\$10
1920	16.074.040\$00	7.080.927\$00	645.145\$00	23.800.112\$00
1921	23.331.045\$06	17.923.669\$04	4.044.903\$76	45.299.017\$86
1922	48.244.550\$00	24.445.967\$00	14.527.638\$00	87.218.155\$00

que não tivesse havido importações alemãs...

Os seguintes exemplos são flagrantes:

Alcatrão, Bren e Coaltar:

Portugal.....	69.925 quilos
Alemanha.....	91.922 »
Outros paizes.....	75.715 »

Alcool para usos farmacêuticos:

Portugal.....	4.553 litros
Alemanha.....	3.576 »
Outros paizes.....	7.394 »

E' curioso que nesta última rubrica figura o Brazil com 4.408 litros.

Armas de fogo:

Portugal.....	1005
Alemanha.....	133
Outros paizes.....	139

Pistolas e revolyeres:

Portugal.....	—
Alemanha.....	24
Outros paizes.....	62

Açucar:

Angola, produtora de açucar, importou 336 toneladas! Nela figuram 1.110 quilogramas da Alemanha, 72 toneladas de Moçambique e 244 toneladas... do Brasil!

Agulhas:

Portugal.....	145 quilos
Alemanha.....	61 »
Outros paizes.....	2 »

Boquilhas e Cachimbos:

Portugal.....	580 quilos
Alemanha.....	2.485 »
Outros paizes.....	277 »

Capsulas para garrafas

Portugal.....	50 quilos
Alemanha.....	1.851 »
Outros paizes.....	nada

Colchetes:

Portugal.....	88 quilos
Alemanha.....	—
Inglaterra.....	223 »

É dos poucos artigos que a Alemanha não importa...

Brinquedos:

Portugal.....	818 quilos
Alemanha.....	3.118 »
Outros paizes.....	176 »

Cadeias para relógios:

Alemanha.....	27 quilos
Outros paizes.....	nada

Pulseiras:

Portugal.....	12 quilos
Alemanha.....	60 »

Automoveis;

Quer de carga quer de passageiros, são quasi todos importados da America; mas já aparecem importações alemãs.

Cerveja:

Portugal.....	3.222 litros
Alemanha.....	955.660 »
Outros paizes.....	12.864 »

Ginger ale:

Alemanha.....	145 litros
Outros paizes.....	nada

Cal:

E quasi toda portuguesa; mas já aparecem 762 kg. da Alemanha. E' o começo.

Cimento:

Portugal.....	234.651 quilos
Alemanha.....	4.225.613 »
Outros paizes.....	1.010.042 »

Que fazem as fábricas de Portugal, que não procuram conquistar este admiravel mercado?

Calçado:

E' quasi toda a importação portuguesa; mas também já se importa calçado alemão.

Chapeus e Bonés.

Portugal.....	53.882 quilos
Alemanha.....	42.885 »
Outros paizes.....	30.681 »

Contaria:

Portugal.....	11 quilos
Alemanha.....	2.435 »
Outros paizes.....	227 »

Embarcações inferiores a 200^m3.

Alemanha.....	5
Outros paizes.....	2

Espelhos:

Portugal.....	3.526 quilos
Alemanha.....	2.239 »
Outros paizes.....	756 »

Fardas e fatos usados

Portugal.....	116 quilos
Alemanha.....	3.537 »
Outros paizes.....	7.283 »

Fio de algodão simples ou torcido:

Portugal.....	5.422 quilos
Alemanha.....	2.685 »
Outros paizes.....	4.769 »

Generos alimenticios:

Vulgalmente, é chamado rancho em Angola.

E' artigo de comercio ainda hoje, na sua grande maioria, português.

No arroz entra, porém, a Alemanha com 75 toneladas. num total de 200.

A importação de banha e toucinho de Portugal está sendo batida pelo Brasil. Em 40 toneladas destes dois artigos, pertencem 20 ao Brasil.

A importação de conservas belgas já é importante, principalmente pela fronteira terrestre do norte.

Cordoaia:

Portugal.....	108.838 quilos
Alemanha.....	22.391 »
Outros paizes.....	16.940 »

Medicamentos:

Portugal.....	46.922 quilos
Alemanha.....	8.096 »
Outros paizes.....	10.388 »

Metais em Obras:

	Portugal	Alemanha	Outros paizes
Cobre.....	1.734	5.537	9.894
Latão.....	4.531	11.708	14.541
Chumbo..	11.271	655	8.115
Estanho e Zinco..	6.938	19.683	12.842
	24.474	37.583	45.392

Ferro e Aço

Portugal.....	541.911 quilos
Alemanha.....	888.344 »
Outros paizes.....	561.777 »

Não entra nesta classificação o material do caminho de Ferro.

Portugal neste artigo, é batido pela Alemanha, principalmente no seguinte:

- Ferro em barras;
- » em chapas onduladas;
- » em fio;
- » em cutelaria;
- » esmaltado em obra;

Em obra não especificada.

Portugal mantém rasoavel posição dos seguintes artigos:

Ancoras e fateixas; arcos; cantoneiras; varões; fechaduras e gonzos.

Oleos pesados para lubrificação:

Portugal.....	96.411 quilos
Alemanha.....	68.750 »
Outros paizes.....	292.944 »

Papel:

Mantem-se um mercado português; mas, em 300 toneladas, já aparecem 20 alemãs e 12 dos outros países.

Pregadura de ferro:

Estamos sendo batidos num artigo da industria nacional.

Portugal.....	135.966 quilos
Alemanha.....	184.800 »
Outros paizes.....	33.415 »

É curioso este artigo:

Petroleo

Portugal.....	5.051 quilos
Alemanha.....	107.172 »
América.....	407.930 »
Outros paizes.....	47.571 »

Fósforos

Portugal	9.647 quilos
Alemanha	36.254 »
Outros países	11.252 »

Produtos cerâmicos :

Telha e tijolos, é comercio português na sua quasi totalidade. Em produtos manufacturadas (tubos de barro e gres) somos batidos :

Portugal	38.020 quilos
Alemanha	38.177 »
Outros países	26.450 »

Louça não especificada :

Portugal	44.532 quilos
Alemanha	41.114 »
Outros países	7.085 »

Relogios de algebeira :

Portugal	45 unidades
Alemanha	1.039 »
Outros países	100 »

Sal :

Até o sál entra da Alemanha! E' curioso; há sal em Angola; há sál em Portugal; mas importa-se sál do Estrangeiro!

Portugal	4.122 quilos
Alemanha	11.300 »
Belgica	157.480 »
Inglaterra	63.057 »
Outros países	7.919 »

Tecidos

E' comercio português. Importou-se em Angola uma soma de 2.595 toneladas. Desse total pertence ao estrangeiro 161 toneladas e, destas, 98 são Alemãs.

Mantem-se esta situação devido á protecção pautal. E o pobre erário da Provincia, deste enorme volume de tecidos (o principal comercio de Angola) recebeu de direitos ... 303.917\$00! Mas este importante aspecto da questão não é para ser estudado neste momento. Ficará para trabalho especial.

Sacaria :

Portugal	402.701 quilos
Estrangeiro	545.908 »

Não há importação da Alemanha deste artigo; mas somos batidos. Ha a acrescentar que, nas 402 toneladas oriundas da Metropole, 107 foram importadas livres de direitos.

Tintas :

Portugal	103.899 quilos
Alemanha	52.089 »
Outros países	48.975 »

Velas para iluminação :

Portugal	40.984 quilos
Alemanha	8.288 »
Outros países	9.814 »

Vidro :

Portugal	62.987 quilos
Alemanha	23.337 »
Outros países	14.727 »

Vinhos :

E' comercio português, na sua quasi totalidade.

Algumas mercadorias não especificadas :

Algodã medicinal :

Portugal	2.525 quilos
Alemanha	3.387 »
Outros países	2.222 »

Aparelhos electricos :

Portugal	3.329 quilos
Alemanha	22.548 »
Outros países	24.676 »

Arreios :

Portugal	489 unidades
Alemanha	195 »
Outros países	—

Carboreto de calcio :

Portugal	67.795 quilos
Alemanha	177.236 »
Suecia	62.250 »
Outros países	219.612 »

Gessa :

Portugal	28.073 quilos
Alemanha	17.487 »
Outros países	120 »

Instrumentos musicos :

Portugal	524 quilos
Alemanha	4.425 »
Outros países	639 »

Lônas de côr :

Portugal	153 »
Alemanha	3.383 »
Outros países	610 »

Madeiras para construção :

Portugal	1.611.947 quilos
Alemanha	385.736 »
Outros países	455.591 »

A madeira para construção oriunda de Portugal é isenta de direitos. Pois, apesar disso, entra do estrangeiro 52% do total!

Papel em obra :

Portugal	2.641 quilos
Alemanha	37.387 »
Outros países	4 »

Mercadorias isentas de direitos :

Maquinas Industriais e seus pertences :

Portugal	139.320 quilos
Alemanha	348.176 »
Outros países	162.374 »

Instrumentos agricolas e industriais :

Portugal	130.676 quilos
Alemanha	322.271 »
Outros países	23.955 »

Rêde metalica para dejesa de habitações :

Portugal	9 quilos
Alemanha	4.994 »
Outros países	267 »

Os numeros, que ai ficam, são bem elucidativos. Quando forem publicadas as estatisticas de 1923 e 1924, veremos se o problema melhorou ou se agravou.

Creio, infelizmente, que se vae agravando. Para êle chamo a atenção das nossas Associações commercias e oxolá este ligeiro trabalho possa concorrer em alguma coisa para, antes que seja tarde, se evite a completa desnacionalização do comercio de Angola.

E. E. GOES PINTO

VIUVA DE JOAQUIM PEREIRA DOS SANTOS, L.^{DA}

SÉDE:

Rua dos Fanqueiros, 44, 2.^o

Tele gramas: MUCOCA-LISBOA
fone: CENTRAL 1510

Codigos RIBEIRO
A. B. C. 5th. Ed.

LISBOA

RUA MONTALEGRE -- AMBOIM

Filial: NOVO REDONDO

Telegramas: JOFFRE-NOVO REDONDO
Caixa Postal N.º 13

ANGOLA

GENEROS COLONIAIS

Café, Coconote, etc.

FOMENTO GERAL DE ANGOLA

(FOGERANG)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: ESC. 5.400.000\$00

Empreendimentos agricolas, pecuarios, comerciais, industriais e financeiros, em Angola, directamente ou por meio de empresas que dêes especialmente se ocupem

Sociedades filiais já organizadas:

Companhia de Pescarias de Angola — Capital 1.000.000\$00

Companhia Agricola-Pecua ia de Angola — Capital 9.000.000\$00

Sindicato para o estudo do Tabaco em Angola — Capital 1.650.000\$00

Sociedades filiais em organização: Para exploração do algodão e exploração de oleaginosos

Séde: Rua dos Fanqueiros, 12 — LISBOA

End. teleg.: FOGERANG

Presidente do Conselho de Administração

HENRY BURNAY & C.^a

Administrador-Delegado

ERNESTO DE VILHENA

Administrador-Delegado em Africa:

Coronel EDUARDO MARQUES

Loanda, C. P. 332

End. telegrafico: FOGERANG

Missões de estudo em varias regiões da Provincia

Companhia do Amboim

Séde — Rua dos Correios, 70

LISBOA

Explorações agricolas
em Angola

(Amboim, Manha do Norte (Lobito)
e Bailundo

Representação em Loanda,
Porto Amboim e Benguela

COMPANHIA

DO

Caminho de Ferro do Amboim

Séde — Rua dos Correios, 70

LISBOA

Concessionaria
do

Caminho de Ferro
do Amboim
e do porto de Porto Amboim

Distância de Porto Amboim a Gabela 128 kilom.
Kilometros construidos 80

Representação em Loanda e Porto Amboim



Mozambique

A EMIGRAÇÃO PARA A COLONIA

MUITAS vezes temos lido, — e ouvido dizer a varias pessoas que se interessam por assuntos coloniais sem contudo verdadeiramente os conhecerem, — que a nossa emigração, há anos canalizada para o Brazil, America, etc., melhor seria que o fosse para as nossas ricas e prosperas colonias de Angola e Moçambique.

Não somos dessa opinião, e vamos expor os motivos. É preciso, em primeiro logar, não confundir a *emigração*, com *colonização*, esta uma consequência daquela, ambas filhas da ambição humana e necessidade, que ha, de se colocar o excesso de população de qualquer povo que, por vários motivos naturais, tem de se expandir, de enriquecer, de sair dos logares onde nasceu, de ver novas terras, horisontes e costumes.

Em colonização, devemos ainda distinguir duas especies; a official e a particular, senão a primeira a que menos atrae o emigrante, podendo, no entanto, satisfazer as pessoas sem iniciativa propria, muitas sem qualidades fisicas de poderem resistir aos depauperantes climas africanos e que cousa alguma poderão produzir se não forem amparadas pelo protector *borderão* do Estado. Não é, pois, com esta que devemos contar para se fazer a colonização de que as nossas colónias tanto precisam. A prova têmo-la na nossa historia colonial, em varias tentativas feitas com grande dispendio para o Estado, sem que tivessem dado os resultados que delas se esperavam.

Lendo-a, vemos que, desde os mais remotos tempos, todos os Governadores das nossas colónias, nos seus relatórios, em especial os de Moçambique, pediam ao Governo da Metrópole que voltasse a sua atenção para a colonização daquela Provincia, pois que seria a melhor maneira de a fazer progredir, desenvolver, e nacionalizar.

Vários processos foram postos em prática, desde o têr-se mandado raparigas casadouras para que nelas espozassem colonos existentes, — como procedemos com a India e Angola, os

ingleses com a Austrália e os Holandeses no Cabo, — até á criação na Zambézia da histórica e secular instituição dos Prazos, que, como por varias vezes temos dito, teve como principal fim chamar áquella região, hoje tão próspera e genuinamente portuguesa, a nossa colonização.

O grande Marquez de Pombal tambem a tentou fazer com degredados, obrigando-os a casar antes do embarque, mas sem que tivesse dado resultados pelo péssimo procedimento, que tinham, logo após a sua chegada, e pelo mau exemplo que davam, não só aos europeus nelas existentes como aos próprios nativos.

Em 1831, foi creada em Fernão Velôzo uma colónia agricola, que logrou uma vida efémera.

Em 1855, Sá da Bandeira, a quem as colónias deveriam assinalados serviços, creou outra no arquipélago de Bazaruto, tendo sido nessa occasião elevado á alta categoria de distrito. Poucos anos depois só existia o primitivo presidio.

Em 1857, devido tambem á iniciativa altamente patriótica de Sá da Bandeira, que tentou fixar a nossa colonização na Zambézia, foi creada uma companhia de caçadores numero 2 (nessa occasião aquartelada em Tete) com praças europeias, casadas, tendo varias profissões, e ás quais foram dadas muitas regalias, — como adeantamentos, concessões de terrenos, etc. Um misto de colonos e soldados, que, igualmente, não deu resultado, tendo muitas dessas praças ficado em Quelimane. Varias causas levaram a naufragar tão simpática como utilitaria iniciativa, sendo a principal o irrequieto estado em que então se achava toda a Zambézia, e as doenças que a atacaram, dando uma vida curta, atribulada e cheia de sacrificios, para os que a constituíam.

Em 1896, renovaram-se as tentativas de colonização militar, creando-se quatro colónias agricolas, em pontos afastados, como bases de estratégicas operações, em Fernão Velozo, Mussuriri, Manica, e Gaza; e, como estava mais que demonstrado que os europeus não se podiam dedicar a traba-

lhos agricolas, eram estes desempenhados pelos nativos. Tambem não deram resultado, sendo dois anos depois, em 1898, dissolvidas, por proposta do Governador Geral ao ministro da Marinha.

Se, por um lado, tivemos estas tão louvaveis iniciativas officiaes, por outro, vemos o grande e inexcédível esforço de tantos portugueses durante séculos espalhados por Moçambique, degredados, missionarios, negociantes, funcionarios do Estado, tantas e tantas obscuras vidas imoladas ao serviço da sua querida Patria, sem que esses sacrificios correspondessem, até hoje, a verdadeiros nucleos de formação de povoações, tendo-se estas circunscrito unicamente, ao litoral, e que hoje, sem duvida, teriam chegado ao mesmo estado de desenvolvimento em que se encontram as cidades e vilas do Brazil, por nós igualmente criadas, se a colonização em Africa fosse tão possível fazer-se como no novo continente.

Pelo que deixamos dito, parece-nos ter provado que não é com a colonização official, — que quasi sempre acaba pelo regresso á metrópole, com passagens pagas pela Provincia, licenças graciosas, da junta de saude, etc.—que se hade fazer a colonização de Moçambique. No entanto, não podemos deixar de frisar que nalguma cousa ela tem concorrido favoravelmente, vivendo nela, hoje muitos colonos, além dos que lá morreram, que para ali foram como empregados publicos, militares, etc., e que depois se dedicaram á agricultura e industria, acabando por de vez se fixarem na terra, que lhes dava o sustento, e que não era mais do que o prolongamento da mãe Patria. Pelo longo tempo que temos vivido naquella Provincia, podemos dizer que a colonização tem-se feito, realmente, de vagar, lentamente, sim, mas pela iniciativa particular, livre de planos e complicados estudos officiaes, e, exactamente por este motivo, de resultados proficuos e seguros.

Porem, nem uma nem outra poderão ter grande incremento se não forem acompanhadas, ou precedidas,

de *capital*, sendo absolutamente impossível a colonização nas regiões tropicais sem oiro ou coisa que o valha. Como vimos, o *capital* do Estado não deu o resultado que se esperava; e, mesmo que tivesse dado, seria insuficiente para o muito que havia a fazer, sendo necessário, indispensável, o *capital* particular.

Todos nós sabemos que a emigração portuguesa para o Brazil, América, etc. é constituída por naturais dos Açores, Madeira, e pelo excesso da população do laborioso Minho, todos filhos de pequenos lavradores, e trabalhadores rurais, que nada mais levam consigo de que a força do seu braço, os cérebros fechados á luz da instrução, e a grande vontade de trabalharem, de enriquecerem, neles despertada pelos vistosos «chalets» que brasileiros ricos mandam construir nas aldeias onde nasceram. Enquanto que algum africanista, cuja vida inteira em Africa tivesse decorrido, só traz consigo a cor macilenta, de tantas febres curtidas, o organismo arruinado, e poucos com algumas economias, que em Portugal mal lhe chegam para se restabelecer e jámais para construírem elegantes e vistosas moradias, que servissem de estímulo aos novos emigrantes. Não é, por-

tanto, de natureza a muito espevitar o desejo do nosso povo, a emigração para as colónias.

O que aconteceria, pois, a esses nossos pobres emigrantes, que, de repente, fossem para Angola, ou Moçambique, sem que, primeiramente, capitais fóssem desbravar invios matagais, drenar pestilentos e mortíferos pantanos, abrir estradas e vias de comunicação, fazendo plantações, promovendo industrias, de que eles, depois, seriam, sem duvida, um valiosissimo auxiliar?

Certamente os esperaria uma verdadeira miséria, que em Africa é muito mais negra do que aquela a que fugiram, nos cantinhos, sempre saudosos, das terras que os viram nascer.

Derivar, pois, para as nossas colónias essa corrente de emigração, ha seculos estabelecida, afigura-se-nos, no nosso fraco modo de ver, um grave erro. O grande escritor Oliveira Martins, na sua obra «O Brazil e as Colónias Portuguezas», a paginas 239, diz a este respeito: «Nós inscrevemos terminantemente contra semelhante ideia, que é uma prova da precipitação e falta de senso com que as opiniões se formam em Portugal». Apesar do desenvolvimento que as

nossas colónias pesteriormente teem tido, esta opinião deve subsestir e deve ser considerado.

Atrair, pois, todo o capital—venha elle de onde vier, visto o nosso continuar retraído ou depositado em bancos estrangeiros,—para as nossas colónias, contanto que as nossas leis sejam respeitadas, deverá ser o *fulcro* em tórno do qual precisa de girar a nossa politica colonial. E a unica maneira de atrair esse capital, factor indispensavel ao desenvolvimento de qualquer colonia. é dandolhe garantias, já pela estabilidade das nossas autoridades administrativas, seleccionadas entre verdadeiras competencias e não entre politicos; pelas sensatas leis de protecção á agricultura e industria, que nos respectivos conselhos legislativos sejam votadas; já, principalmente, pelos resultados e sucessos que os elevadissimos capitais empregados até hoje na Zambesia, nas suas vastissimas plantações que são o assombro dos que as visitam, tiverem no futuro. Disto dependerá, unica e simplesmente, a entrada de novos capitais na Provincia de Moçambique, de cujo valioso concurso não poderá prescindir para a continuação do seu progresso, fomento, e desenvolvimento futuro.

GAVICHO DE LACERDA

P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:

LOCOMOTIVAS, ZORRAS AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | *Hoppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*
| *Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.^{va}*

Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e cores
Murales «Murito», preservativos de madeiras em
variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc.,
das melhores marcas.

Secção de Madeiras

Possuimos em armazem, para entrega imediata,
madeiras da Provincia das melhores qualidades, em
pranchões e barrotes e taboas, assim como travessas
para caminhos de ferro, paus para minas, etc.

Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de
productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira,
Copra, Amendoim, etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo-
metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobílias,
Portas, Janelas, Aros, etc, movidas a Electricidade.

TELEFONES | Eseritorio 400
| Estancia 493

LOURENÇO MARQUES



Índia

O Padroado português no Oriente

De entre as conferencias que a ilustre direcção da Sociedade de Geografia nos proporcionou na «Semana das Colonias» com que comemorou o seu 5.º anniversario, uma se destacou não só pela importancia dos assuntos versados como tambem pela proficiencia com que foram expostos: foi a do

— que, sendo velha, é ainda hoje tema que se discute com paixão — apparece-nos jocada numa tal projecção de luz que só a muita cegueira dos olhos (... ou das almas!) poderá deixar de vê-la e compreendê-la.

Para ella chamamos a atenção dos governantes deste país:

devidamente autorisado e dentro do espirito e da letra das nossas leis.

Este meu modesto trabalho nada tinha de original; era uma simples adaptação ao Oriente, — adaptação rigorosa, note-se bem, do Estatuto do Padroado no Extremo Oriente, aprovado em 1919 pelo Governador de



Restos da igreja e da extinta casa dos Catocumenos de Betim, em frente de Nova Góia, mostrando bem o tipo das construções Indo-Portuguezas ao fim do seculo XVI

sr. Dr. Jaime de Moraes, sobre a «Índia Moderna», que profundamente conhece porque, durante cinco anos, superiormente a governou.

Dessa conferencia, que lastimamos não possuir na integra para a sua total publicação, damos hoje um extracto, que para muitos portuguezes constituirá, decerto, uma surpreendente revelação. A questão do Padroado,

Fui assim chamado a referir-me a um aspecto muito particular da nossa acção no Oriente, ao sempre momentoso problema do seu Padroado.

Ha 15 anos que ele aguarda uma solução definitiva. Tive a honra de ter assinado a primeira tentativa feita para a sua regularização, para a definição do seu Estatuto Organico,

Macau, sr. Tamagnini Barbosa, e ratificado, por P. P. de 13 de abril de 1920, pelo seu successor, o meu prezado amigo e camarada, sr. Correia da Silva.

E este Estatuto, meus senhores, ha mais de 5 anos que era executado nas provincias de Macau e de Timor, sem qualquer reclamação ou protesto.

O meu trabalho, porem, teve um

destino diverso : foi suspenso por ordem superior.

Não julguem V. Ex.^{as} que vou cometer a feia acção de me aproveitar desta tribuna para defender um trabalho meu.

Quero apenas, perante V. Ex.^{as}, certo que as palavras nesta sala tem uma especial resonancia na opinião publica do paiz, defender a manutenção da obra que ha mais de 4 seculos vimos realisando, obra de que a nação legitimamente se póde orgulhar, e que, como poucas, altamente concorreu para a victoria moral que lá fora alcançamos e á qual ha pouco me referi.

Quero provar a V. Ex.^{as} que não se trata de uma velharia, de um pergaminho precioso mas hoje inútil, mas sim de um problema melindroso e oportuno de que nos não podemos desinteressar, problema para a solução do qual sempre estiveram de accordo todos os governadores que na India; ha 15 anos, se sucedem.

Distingo nele dois aspectos : um externo e outro interno.

O seu aspecto externo

Fieis ao pensamento que então nos dominava, na India como em toda a parte, mas ainda mais na India do que em qualquer outra parte, ao mesmo tempo que conquistamos, fizemos cristandades.

E, na India, cristandades são equivalentes a nucleos de assimilados á nossa civilisação e á nossa cultura.

Já imensas perdemos; e com essas perdas dolorosamente se ressentiu a influencia moral de Portugal no Oriente.

Mas, ainda hoje, em Bassarin e Salcete, em Bombaim e Calcutá, no Concan e no Canará, em Cochim e Alapé, em Tuticorin e Meliapor, Dáca e Chaul, nomes gloriosos que aos ouvidos portuguezes soam com clarins, em ródas das missões do velho Padroado acolhem-se, confiados, certos da nossa protecção, centenas de milhares de indo-britanicos que usam nomes portuguezes, que muitas vezes conhecem a nossa lingua, que tem os nossos usos e os nossos costumes, que admiram a nossa Patria e que na India são e mais belo testemunho, não digo das nossas glorias, pois essas são aos milhares, mas do exito da nossa incomparavel acção moral e social.

Para a protecção destes nucleos e bem assim dos nossos emigrantes, por lá mantemos 164 missões e paróquias auxiliados ainda por 297 capelarias, onde se emprega a actividade e o esforço dum lamentavelmente insignificante numero de missionarios europeus (neste momento julgo residirem na India, efectivamente, uns 10 para 33 que deviam lá servir), acompanhados por 320 missionarios da India,

dos quais só 98 não são naturaes do territorio nacional.

As escolas do Padroado na India Inglesa, são frequentadas por cerca de 20.000 alumnos.

Afim de bem se poder avaliar do imenso valor do esforço do Padroado Portuguez no Oriente, permitam-me V. Ex.^{as} que indique qual a acção social e educativa que das suas missões na India Britanica irradia, pondo de parte o seu importante aspecto religioso, por a ele me não querer referir.

As suas missões mantem :

1 grande Creche, 2 Leprosarias e 6 diversas associações de caridade e beneficencia;

7 modelares Asilos para velhos e 16 admiraveis Orfanatos, dos quais 10 para o sexo feminino;

5 escolas nocturnas, das quaes duas exclusivamente destinadas ao ensino da nossa lingua, e 11 escolas profissionais com mais de 1.500 alumnos;

11 estabelecimentos de ensino médio, onde se ensinam as primeiras classes do grau secundario, dispendo de cerca de 100 professores e frequentadas por mais de 2.300 alumnos de ambos os sexos;

17 grandes estabelecimentos de ensino secundario completo (High Schools), todos filiados nas respectivas Universidades, contando com 307 professores e 6.735 alumnos, dos quais 1625 do sexo feminino.

Finalmente, um sem numero de escolas primarias, com mais de 8.200 alumnos, sem entrar em linha de conta com os que seguem as classes de ensino infantil.

Só sob o ponto de vista da instrucção, o Padroado mantem na India Inglesa um sem numero de escolas de todos os graus do ensino, menos o superior, espalhadas por todo o territorio onde ele exerce a sua jurisdicção, servindo todos os nucleos que á nossa protecção moral se acolhem, escolas que dispõem de 670 professores e são frequentadas por cerca de 20.000 alumnos.

Conhece-se qualquer exemplo que a este nosso se possa comparar?

Não será o Padroado um documento, sem igual, da forma como, fiel a uma tradição secular, a nossa Nação colabora numa admiravel obra de propaganda da civilização Occidental?

E notem V. Ex.^{as} que esta acção educativa e social não é custeada directamente pelo Estado Portuguez.

Alem dos subsidios que recebe do Governo da India Britanica, como o recebem todas as escolas particulares, pois lá não existe ensino official primario ou secundario, esta obra do Padroado é custeada essencialmente com

o producto de legados e donativos, recebidos de portuguezes e indo-portuguezes, com applicações, como regra, restrictas a estes fins.

Ao nosso tesouro, o Padroado, compreendendo despesas internas e externas, não custa hoje mais de umas 10.000 £.

O seu valor real não se pode medir por este modesto sacrificio

Ele, especialmente, reside, no que posso chamar a capitalização dos patrioticos esforços, lá fóra dados sem medida, atravez dos tempos, por uma nobre falange de portuguezes illustres.

Não me refiro ao valor economico do Padroado, aliás grande se o encarmos sob o ponto de vista do interesse da India Portuguesa.

Ele, porem, será maior, quando Portugal, reatando uma tradição, de novo concorra aos mercados do Oriente onde hoje não existem barreiras aduaneiras privilegiadas.

Nesse dia, que almejo proximo, as missões do Padroado, satisfazendo uma sua velha aspiração, alegremente poderão transformar se em utilissimos instrumentos da nossa propaganda.

Fóra das fronteiras, podem, nem só este aspecto tem o nosso Padroado.

Ele, tanto ou mais ainda, interessa ao problema melindroso da emigração indo-portuguesa.

Os emigrantes de Goa

Ao assimilarmos os goeses, nós tambem deles fizemos rudes pioneiros do trabalho, para quem o sólo exiguu da sua terra não bastava para a sua forte actividade. E com Goa é pequena e como os seus habitantes são muitos (só um conchello, Bardez, tem uma densidade de população de 497 hab. por q. q.), de ha muito se estabeleceu uma fortissima corrente emigratoria, parcialmente conduzida para toda a Arica Oriental e para o Golfo Persico, e mais nitidamente acentuada na direcção da colonia visinha.

Só em Bombaim ha mais de 60.000 indo-portuguezes!

E estes emigrantes, meus senhores, representam uma grande parcela dos melhores valores da nossa India, de entre os mais inteligentes, os mais activos e os mais energeticos.

Nenhuma qualidade lhes falta; são, sob todos os aspectos, verdadeiros, genuinos, emigrantes portuguezes.

A eles se deve, como aqui, o equilibrio da balança economica da nossa India; as suas economias a esta regressam sempre.

Lá fóra ocupam todas as situações, desde os mais altos postos na burocracia indobritanica, onde justamente são notados pelas suas qualidades de trabalho e pela sua absoluta lealdade, até ás mais humildes.

A India Portuguesa orgulha-se tanto dos seus emigrantes, como estes se orgulham da nossa Patria

Até hoje, os laços que os prendem á nossa colonia não tem sido afrouxados. Rigorosamente, conservam as suas velhas crenças, a nossa lingua, os nossos habitos; a India Portuguesa orgulha-se tanto dos seus emigrantes, como estes se orgulham da nossa Patria.

Este resultado admiravel deve-se, em grande parte, á patriotica acção das missões do Padroado.

Em sua roda se formam, se reúnem, nelas encontram protecção, assistencia, e educação cuidada para seus filhos; nelas recordam a nossa lingua e o nome de Portugal.

Mas V. Ex.^{as} não desconhecem o valor e a influencia dos concorrentes do nosso Padroado, a guerra que todos os dias lhe movem, a luta gigantesca que os nossos admiraveis missionarios constantemente travam na defesa do nosso interesse, luta em que sempre põem as mais altas qualidades de maxima dedicacão e do mais nobre patriotismo.

O que nos aconteceria no dia em que abandonassemos, por qualquer erro cometido, as posições que por direito de conquista ocupamos?

O que aconteceria se abandonassemos á sua sorte tantas dezenas de milhares de Portugueses do Oriente, não lhes dando protecção e assistencia social, moral e educativa, nacional, a que eles estão habituados e que sobremaneira estimam?

O que seria de Gôa economicamente falando, se por ventura não evitassemos a fatal desnacionalização que o tempo implacavelmente arrastaria?

Pois não terei eu provado a V. Ex.^{as} que a manutenção do Padroado representa um grande, um legitimo interesse material e moral da Nação?

O seu aspecto interno

Não me quero demorar na apreciação do aspecto interno deste problema, ou seja nas suas relações com 300.000 catolicos da India Portuguesa (metade da sua laboriosa população).

Deixo-o ao alto criterio dos que me dão a subida honra de me ouvir.

Somente quero lembrar uma circunstancia:

Quando o grande Albuquerque conquistou Gôa não havia lá catolicos.

Seja pela persuasão, seja pela imposição, verdade é que, por uma prolongada acção, arrancamos ás suas crenças seculares, ás suas civilizações milenarias, ás suas castas diferencia-

das aqueles de quem hoje descendem os catolicos da nossa India.

Note-se bem que alem Gates se agita um imenso formigueiro humano de mais de 300 milhões de hindús e mahometanos, com uma organização social que o indoportuguês perdeu e á qual jamais poderá regressar.

Dispensome de sublinhar o significado da situação actualmente desenhada no imenso Imperio Indiano.

Pondo de lado preconceitos, que não tenho, guiando-me apenas pela minha consciencia e pela minha intelligencia, não poderei eu, meus senhores, afirmar que Portugal tem para com os catolicos da India uma divida sagrada, daquelas dividas de carinhosa protecção a que jamais soubermos falar?

Fora das fronteiras a acção nobre e generosa do Padroado é chamada a obra dos Portugueses.

O Padroado Português no Oriente é um titulo e gloria que legitimamente nos pertence; ele sempre auxiliou devotadamente á nossa acção, ele trabalhou ontem, como hoje trabalha,

pelo nosso interesse e pelo nosso triunfo.

Quem poderá admitir a hipotese de o abandonarmos? Pois isso não equivaleria a confessarmos a nossa incapacidade para cumprir um mandato que a nós mesmo impuzemos?

Pois isso não significaria uma irreparavel perda do prestigio que atravez de seculos conquistamos?

Não nos esqueçamos nunca que, fora das fronteiras, a acção nobre e generosa do Padroado é chamada a obra dos portugueses!

Companhia Estrela-Farim

Concessão na Guiné

Séde — Rua Ivens, 21 e 25
LISBOA

TELE } fones—C. 46 e C. 5595
 } gramas—**CIRICA**

A. B. C.
CODIGOS } Ribello
 } Mascoto

MARQUES, SEIXAS & C.^a L.^{da}
LISBOA E AFRICA
LISBOA — Travessa dos Remolares, 10, 3.º, Esq.
Telegramas "FERRAMENTA"—Telefone 2914 C.
NOVO REDONDO — Caixa do Correio N.º 3
Telegramas SEIXAS — Telefone 1

Sortido completo de arminho, mercadorias para permuta, tintas, ferragens, etc.

Importação — Exportação

MARINHAS DE SAL

Criação de gado bovino, e navegação á vela para todos os portos do provincia.
Grandes plantações de algodão e fabrica de degranamento pelo sistema mais aperfeiçoado em Novo Redondo
Grandes depositos de café do Amboim, oleo de palma e coconote das suas roças do Amboim e Seles-Boa Lembrança, Santa Clara, Aliança, Montebelo, Rio Luete e Monte Alto

BIBLIOGRAFIA

Recebemos, e agradecemos, as seguintes publicações:

Anuário da Província da Guiné.—Do ano 1925.

É um trabalho valioso do distinto funcionario do Ministério das Colonias e vogal do Conselho Colonial, eleito pela Guiné, sr. Armando de Moraes e Castro. Lê-se com agrado, ao mesmo tempo que nas suas páginas se deparam as mais variadas informações sobre tudo quanto respeita á vida economica e administrativa da Província, assim como aos usos e costumes das suas populações.

Não conhecemos, sobre a Guiné obra mais completa nem mais digna do nosso apreço. Dela fazemos a transcrição que noutro lugar se encontra. E por ela se verá que não ha sombra de exagero nas palavras que aqui lhe dedicamos.

Cordealmente felicitamos o Sr. Moraes e Castro pelo bom serviço que prestou á Colonia e ao seu Paiz.

L'espansione Política e Colonial Portoghese con speciale riguardo alle Isole di São Thomé e Príncipe.—Foi umas das teses do doutoramento do sr. Antonio de Montero Velarde no Instituto Superior de Sciencias Sociais, de Roma, depois publicada com o fim de larga divulgação na Italia e seus dominios, onde alguns milhões de almas poderão ficar sabendo que honrado e grande tem sido o esforço de Portugal na valorização e civilização das suas terras conquistadas.

Em carta, que muito prezamos, diz-nos o seu illustre autor: "*Julgo assim contribuir, se bem modestamente, para que os nossos problemas coloniais eesforço civilizador no mundo sejam mais conhecidos em Italia e nas suas Colonias, assim como nos meios scientificos da especialidade.*"

Nobilissima intenção foi esta, que as palavras não são bastantes para enaltecer. E, muito longe de ser modesta a contribuição, de tal merecimento é ela que, com distincção, foi premiada pelo juri selecto á cuja apreciação foi submetida.

Que mais será preciso dizer se para que se meça o seu valor?

A "Gazeta das Colonias", congratula-se por ficar possuindo no seu arquivo a bellissima monografia do sr. Montero Velarde, que, acima de tudo, representa um gesto de patriotismo digno de muita consideração.

Boletim da Agencia Geral das Colonias—Nº 4, de Outubro de 1925.

Como os nºs anteriores, oferece-nos leitura que, intimamente, nos envia-

dece e nos consola. Entre os seus artigos, destacam-se os seguintes:

Moçambique e a União Sul-Africana, por J. A. Lopes Galvão; **Prazos da Zambesia**, por A. A. Lisboa de Lima; **As obras do Porto de Macau**, por Duarte Abecassis; **O Porto Grande de S. Vicente de Cabo Verde**, por João de Almeida; **Subsidio para o Estudo das tripanossomias Animais de Angola**, por A. Monteiro da Costa; e **A Lavoura Mecânica da Guiné Portuguesa**, por Mario Godinho.

Indubitavelmente, os serviços que o Boletim da Agencia Geral das Colonias está prestando a este difamado país, que as béstas endinheiradas escoicinham como corpo inutil,—são inestimaveis. E o sr. dr. Armando Cortezão,—que tambem das *béstas politicas* já apanhou coice,—pode ufanar-se da sua obra.

Hidraulica Agricola.—Lourenço Marques, 1925.

Trata-se de um projecto de irrigação e drenagem de 17.500 hectares de terreno, mandado organizar pela Companhia Colonial do Buzi, e de que é autor o distintissimo engenheiro, sr. A. Trigo de Moraes.

Falta-nos a competencia tecnica para a rigorosa apreciação do trabalho que temos sob os olhos. Mas basta compulsá-lo, e lê-lo nas páginas que tambem são acessiveis aos profanos, para que imediatamente se aquilate do seu mérito.

Bem hája o sr. Trigo Moraes pela sua publicação.

Novo de Abril.—Coimbra, de 1925. É uma «plaquete» em que o sr. Tenente Nuno da Beja reproduz as palavras proferidas, no dia 9 de Abril do corrente ano, na sessão solene realizada no teatro Avenida de Coimbra, e promovida pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

São palavras de patriotismo e dor pela *hora tortuosa*, que passa, mas tambem do alento e fé por *uma outra mais confortante, mais clara e mais blea*, em que Portugal se dignifique.

... Tambem nós vivemos nessa fé! Mas, Deus do ceu, como são pesadas as sombras que nos envolvem!...

Novo de Abril. Loanda, 1925. «Plaquete», do sr. tenente Simeão Vitoria. São palavras que os alunos do Liceu Central Salvador Correia, de Loanda, tiveram o prazer de ouvir na sessão solene que, comemorando aquella data, ali se realizou.

Belissima alocução foi aquella que o sr. tenente Vitoria produzia. Tem nervo e alma. Saode-nos e comove. Vibra como um cântico, que outra

coisa não é senão um cântico á Raça, como se vê nas suas ultimas linhas:

«Novo de Abril,—esforço da Raça dizem. Sim, esforço da Raça, mas eu dou-lhe um batismo mais inédito, um nome que nos derive as atenções para o dia de amanhã, que nos encha o peito de fé, cheio, cheirinho.

Neste de sabado aleluia que hoje passa, do milenário pregador na Judeia, eu ajoelho no altar dos berços, eu saudo as mães de Portugal, eu saudo a vida;nova que sorri, no baloço encantado dos seus braços...

«Novo de Abril eu chamo-lhe antes:— Aleluia da Raça.

Foi feliz, muito feliz na sua oração, o sr. tenente Simeão Vitoria.

Revistas e jornaes:
The Times (Mozambique Section), de Londres;

L'Essor Colonial et Maretim, de Bruxelas;

O Comercio de Loanda, Angola;
O Comercio, de Benguela;
A Terra, de Magão;
O Ultramar;
O Herald, de Nova Goa;
A Provincia.
O Diario da Noite.

A todos os prezados colegas, que se dignam permutar com a nossa «Gazeta», pedimos o favor de noticiar o seu recebimento. E tendo succedido que algumas vezes deparamos transcrições, ou coisas parecidas de artigos nossos, sem que á «Gazeta» se faça a mai ligeira referencia, desde já declaramos que a permuta fica suspensa com os jornaes desse quilate.

MANTUA, Ltd.



29 a 37
Calçada de S. Francisco
LISBOA

Companhia Nacional
DE
PRODUTOS COLONIAIS, L. DA
Rua dos Fanqueiros, 15 — LISBOA
*Transações sobre cacau,
café, cera, coconote e couros*

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Com o capital de Esc. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisa e extração de diamantes na Provincia de Angola, por concessão do respectivo Governo

Séde social: Rua dos Fanqueiros, 12-2.º — LISBOA

Telegramas: DIAMANG

Escritorio em Bruxelas, Londres e Nova York

Presidente do Conselho de Administração

Presidente dos Grupos Estrangeiros

Banco Nacional Ultramarino

Mr. Jean Jadot

Administrador-delegado: ERNESTO DE VILHENA

Representação e direcção técnica em Africa

Representante

Director técnico

Tenente-coronel Antonio Brandão de Melo

Mr. Gleen H. Newport

Caixa Postal 347

Teleg.: DIAMANG

LOANDA

DUNDO

LUNDA

MARQUES, SEIXAS & C. A L. DA

LISBOA E AFRICA

LISBOA — TRAVESSA DOS REMOLARES, 10, 3.º, ESQ.

Telegramas "FERRAMENTA" — Telefone 2914 C.

NOVO REDONDO — CAIXA DO CORREIO N.º 3

Telegramas "SEIXAS" — Telefone 1

Sortido completo de armarinho, mercadorias para permuta, tintas, ferragens, etc.

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

MARINHAS DE SAL

Criação de gado bovino, e navegação á vela para todos os portos da provincia

Grandes plantações de algodão e fabrica de desgranamento pelo sistema mais aperfeiçoado em Novo Redondo

Grandes depósitos de café do Amboim, óleo de palma e coconote das suas roças do Amboim e Seles-Boa Lembrança, Santa Clara, Aliança, Montebelo, Rio Luete e Monte Alto

Telegramas
CAPA



COMPANHIA AGRICOLA-PECUARIA DE ANGOLA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

ANTIGA SECÇÃO DE CEREAES DO

Fomento Geral d'Angola

CULTURA DE CEREAES

CREAÇÃO E APERFEIÇAMENTO DE GADO

INSTALAÇÕES

EM

LOANDA, BENGUELA, HUAMBO, LUBANGO,

CALULO, CHINGUAR, LUIMBALE, ANDULO, QUIPUNGO, CHIBIA, GAMBOS etc.

CAPITAL E. 9000:000\$00

SEDE EM LISBOA: Rua dos Fanqueiros 12, 2.º

TELEFONES: C.º 480 e C.º 970

Telefone: 2249-Central

Endereço telegrafico:

Lisboa — GENGUBA

Loanda — FUBA

Dondo — COCONOTE



Beltrão, Pena & C.ª

LIMITADA

Cereos Coloniais

LOANDA

DONDO

e

LISBOA

Rua Madalena, 66-I.º

RICARDO PIRES & C.ª

LISBOA

RUA DA GLORIA, 7, 1.º D.º

tel.º — Amendoense

AFRICA

Loanda—Caixa postal 338

End.º tel.º—Tabacos—Silvares

INDUSTRIAL FRICORIFICA Fabrica de Gelo e Refrigerantes — (Fornecimento de gelo, a vapores e de peixe congelado, na linha ferrea, Loanda-Malange)

EMPRESA DOS TABACOS DE ANGOLA Fabrico mecanico aperfeçoado de picados, cigarros e charutos

IMPORTADORES

SERRALHERIA MECANICA

EXPORTADORES

Societarios
de:

Elias & Pires, Ltd., em Lucala—com filiais de permuta nas regiões de café.
Sociedade Agricola e Industrial de Camoma, Ltd.—(Agricultura).
Empresa Pecuaria do Rio Tapada, Ltd., no Lobito e Egipto—(criação de gado e cultura d'algodão e palmares).
Machada & Ricardo nos Salles — Cultura de Palmares).

PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações eléctricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.

b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.

c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.

d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 | Administração e serviço
| C. 2992 | de transportes
| C. 1588 | Oficinas, docas e obras

Endereço telegrafico:

“DRYDOCKS.”

Santos Machado & C.^a, L.^{da}

Comissões e Consignações

Importadores e Exportadores para Africa e Brazil. Representantes dos principais centros fabris, nacionais e estrangeiros

Rua do Bomjardim, 345—PORTO—(PORTUGAL)

Endereço telegrafico: SAMALI — Telefone, 2482

Agências em: CABO VERDE -- Praia, S. Vicente e Ilha do Fogo. -- GUINÉ -- Bissau e Bolama. -- S. THOMÉ E PRINCIPE -- S. Thomé. -- ANGOLA -- Loanda, Ambriz, Malange, Benguela, Mossamedes e Sá da Bandeira (Lubango). -- AFRICA ORIENTAL -- LOURENÇO MARQUES -- Manjacaze.

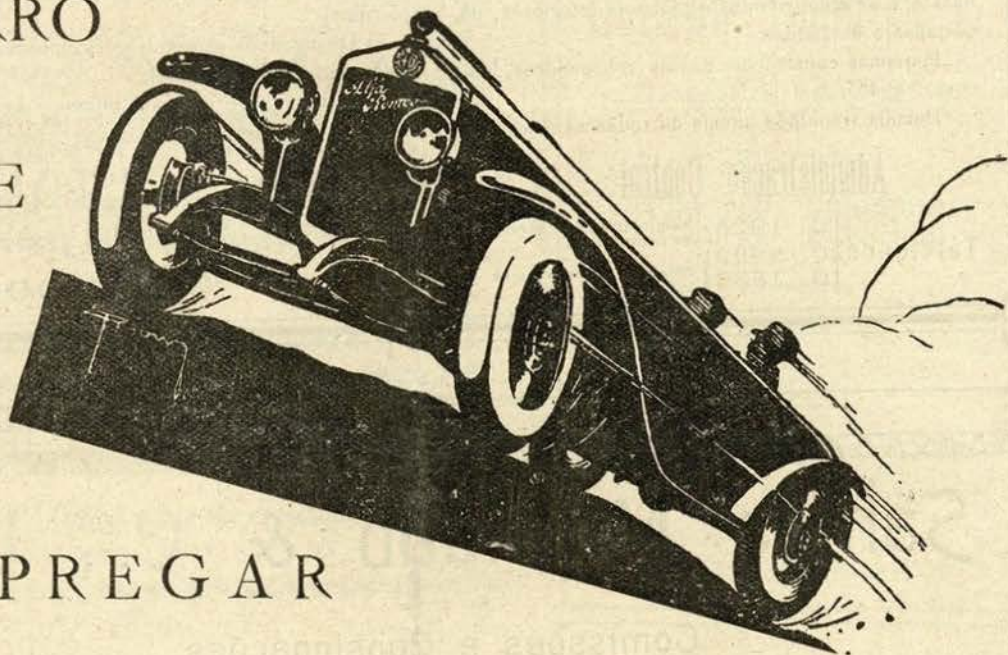
aceitam agentes onde não os tiverem.

A VELOCIDADE

NUNCA FALTARA' AO

CARRO

QUE



EMPREGAR

Auto-Gazo

A MELHOR

GAZOLINA

VACUUM OIL COMPANY